

POR UMA ABORDAGEM DA INDISCIPLINA NO ENSINO GEOGRÁFICO

Érica Vieira Souza

Universidade do Estado da Bahia

Glauber Barros A. Costa

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: A pesquisa apresenta as implicações da indisciplina no ensino da Geografia. Tem por objetivo compreender como a indisciplina interfere no processo de ensino da Geografia e mobilizar os professores para trabalharem o tema em suas aulas. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica dos seguintes teóricos: Aquino (1996), Danke (2007), Rego (1996), Golzens (2003), Knopp (2008), Cavalcanti (1998), Callai (1999), Castrogiovanni (1999), Vesentini (1995), Alves (2017), Arroyo (2020) e Silva (2001). O artigo está dividido em duas partes: primeiramente, fala-se da indisciplina e, posteriormente, do ensino da Geografia. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa, obtida com a coleta de dados realizada num colégio público estadual, cujos participantes foram dois professores de Geografia e dois alunos. Os instrumentos de coleta utilizados foram a observação e a entrevista semiestruturada. A análise de dados foi feita através da análise do discurso (CHIZZOTI, 2006). Os resultados mostram que a presença da indisciplina na sala de aula é uma dificuldade ao ensino da Geografia. Desse modo, as considerações partem da necessidade de mais diálogo entre professores e alunos e da necessidade de discutir a indisciplina nas aulas de Geografia.

Palavras-chaves: Ensino Geográfico. Indisciplina. Relação Professor-Aluno.

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta as implicações da indisciplina no ensino da Geografia através de uma pesquisa realizada numa escola pública da rede estadual da Bahia. É um recorte de um trabalho monográfico¹. Espera-se que a divulgação dos resultados da pesquisa estimule novas investigações para a temática, a indisciplina escolar precisa ser tratada nas aulas, principalmente quando ocorre dentro da sala de aula e intervém no ensino da ciência geográfica.

O currículo é um instrumento de função socializador, que não pode estar de fora e nem prévio as experiências humanas, e na educação deve estar ligado ao contexto educacional, à realidade e o vivido pelos educandos e educadores, ou seja, o currículo deve possibilitar a integração do cotidiano dos alunos e os conteúdos trabalhados nas aulas. O professor é

¹SOUZA, Érica Vieira. **As implicações da indisciplina no Ensino Médio de Geografia no Colégio Estadual José Rocha em Igaporã (BA).**(Monografia)– UNEB: Caetité, 2013.

o executor do currículo, torna-se elemento chave para dá significância aos saberes construídos na sala de aula (ALVES, 2017; ARROYO, 2020).

Tendo conhecimento acerca do comportamento e atitudes de alguns alunos em sala de aula, essa investigação vem mostrar que a indisciplina é um fenômeno sério nas aulas. A indisciplina pode ser definida como qualquer ato praticado pelo ser humano que incomoda o outro e ultrapassa os limites da boa convivência em um espaço que prima em certa medida pela coletividade. Na escola a indisciplina pode ser considerada como tumulto, a perturbação sonora, a falta de limites, o desrespeito aos interesses coletivos, comportamentos inadequados, desrespeito às autoridades, atraso nas aulas e na entrega de trabalhos e atividades, agressividade, são alguns dos atos que remetem a indisciplina, essas atitudes são frequentes em muitas das nossas escolas.

A pesquisa em questão tem por objetivo compreender como a indisciplina interfere no ensino da Geografia, procurar entender as expressões da indisciplina e analisar de que forma o relacionamento entre professores e alunos (as) favorecem a indisciplina, também tem a função de estimular a discussão sobre a indisciplina nas aulas de Geografia.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa é uma investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994) os dados qualitativos são os materiais que os investigadores recolhem no mundo que se pretendem estudar, são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais de registro, tais como as transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observações dos participantes. A pesquisa é bibliográfica, pois procuram respostas para o seguinte questionamento: *De que forma a indisciplina interfere no ensino da Geografia?*

Para abordar a questão, foi realizada uma revisão bibliográfica dos teóricos da indisciplina: Aquino (1996), Knopp (2008), Danke (2007), Ferreira (2000), Gotzens (2003), La Taille (1994) e Rego (1996). Para a discussão do ensino da Geografia, os autores escolhidos foram: Cavalcanti (1998), Callai (1999), Castrogiovanni (1999) e Vesentini (1995). Já para a abordagem do currículo embasamos na obra de Alves (2017); Arroyo (2020) e Silva (2001). Após as reflexões teóricas, foi realizada a coleta de dados num colégio estadual da Bahia, cujos participantes foram dois professores de Geografia e dois alunos.

A coleta de dados se deu através das observações das aulas num período de um mês. Posteriormente foi realizada uma entrevista semiestruturada com os participantes, com o uso do gravador, esse foi essencial para captar as falas que posteriormente foram transcritas para um diário de nota. As falas dos participantes da pesquisa foram analisadas à luz da técnica da análise do discurso. O discurso significa em curso, em movimento, Chizzotti (2006, p.120) diz que: “[...] é análise de um conjunto de ideias, um modo de pensar ou um corpo de conhecimento expresso em uma comunicação textual ou verbal, que o pesquisador pode identificar quando analisa um texto ou fala”.

O discurso é uma prática social, um conceito da linguagem que implica na compreensão de seu uso como modelo de uma ação histórica, construída e situada socialmente. Através das falas dos entrevistados e da observação foi possível levantar as categorias descritivas e interpretativas que contribuem para mostrar que a presença da indisciplina na sala de aula é um impedimento ao ensino da Geografia, necessitando de um novo olhar pedagógico para a questão.

A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA

Não existe um conceito único para a palavra ‘indisciplina’, aqui se apresentam alguns dos conceitos existentes que contribuirão para que a pesquisa seja desenvolvida. A indisciplina não é novidade nas escolas, mas nas últimas décadas esse fenômeno vem ganhando destaque nas mídias (por ter alguma relação ao *Bullying*, *cyberbullying* e à violência escolar). As diversas manifestações indisciplinares nas escolas levam-nos a considerar que é relevante abordar esse tema. O conceito de indisciplina está muito ligado ao conceito de disciplina que nos leva a entender que a indisciplina seria o inverso da disciplina.

A disciplina é: 1.Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. 2.Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. 3.Relações de subordinação do aluno ao mestre. 4.Submissão a um regulamento (FERREIRA, 2000, p. 239).

Enquanto que a disciplina refere-se à ordem dos alunos, a indisciplina é o contraponto, refere-se ao “Procedimento, ato ou dito contrário à disciplina.” (FERREIRA, 2000, p. 384), ou seja, a indisciplina refere-se a tudo o que é contrário à disciplina, seriam os maus atos dos

estudantes. Esses dois conceitos, disciplina e indisciplina, andam juntos, para falarmos de indisciplina escolar é necessário primeiro conceituar o que é disciplina escolar, entendida na maioria das vezes como sendo as atitudes de bom comportamento dos estudantes. Enquanto as atitudes de mau comportamento, são tidas como as características marcantes da indisciplina, Knopp (2008) argumenta que

[...] as formulações sobre a disciplina escolar foram numerosas a maior parte se limita a enfatizar o tema da disciplina com relação aos problemas de comportamento que os alunos podem apresentar, em lugar de fundamentar numa proposta de formação com enfoque preventivo - educativo, em que ser disciplinado não significasse necessariamente ser aluno modelo, mas aquele que ressignificasse o afeto e o cognitivo com vistas a aprender a aprender (p.18).

Observa-se que, para uma pessoa ser considerada disciplinada não significa necessariamente ser um aluno modelo, mas acredita-se que aquele que possua o afeto e o cognitivo com vistas a aprender. A maioria das unidades de ensino sempre trata a indisciplina da mesma forma, afirmam que é necessário modificar o comportamento do aluno indisciplinado.

Porém, é a maneira como a indisciplina vem sendo tratada por muitos professores que requer atenção, pois para eles o termo disciplina conserva um gosto amargo, uma mistura de repressão, de rigidez e de intolerância. Nossos professores ainda não estão preparados para lidar com a questão da indisciplina.

Os cursos de formação de professores deveriam trabalhar esse tema e preparar os docentes para esse tipo de problema, a indisciplina deveria fazer parte do currículo de formação docente. Pois, o termo disciplina ainda transmite medo e recusa, não somente nos alunos, como em boa parte dos educadores. Despreparados para lidar com as questões indisciplinadas, os professores acabam tomando atitudes equivocadas.

Não se trata unicamente da formação relativa a que estratégias de disciplina devem ser utilizadas na sala de aula para manter a ordem e para evitar o aparecimento de problemas de comportamento em função de sua ausência. Para tratarmos a disciplina adequadamente, precisamos considerar toda formulação que se faça a seu respeito, inspirada em preconceito do tipo: “melhor evitar as estratégias de disciplina, já que com isso limita-se a liberdade dos alunos”, “deve-se recorrer à disciplina quando não restar outra solução, como um mal menor,”etc. Agindo dessa forma, inadequada e

incorreta, o que conseguiremos, no melhor dos casos, é um rendimento muito inferior ao possível e desejável (GOTZENS, 2003, p.22).

Para tratarmos a indisciplina adequadamente, é preciso considerar toda formulação que se faça a seu respeito, pois evitaremos assim resultados indesejáveis. Acredita-se que não exista uma receita pronta para lidar com as atitudes de comportamentos indisciplinados dos alunos. Mas, de uma maneira geral, busca-se obter soluções coerentes para certas situações advindas no dia a dia escolar. Para Rego (1996):

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferenças culturais e numa mesma sociedade [...] a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas (p.84).

O sentido do termo indisciplina não é estático, pode ter várias denominações, e está relacionado ao conjunto de valores e expectativas formuladas ao longo da história, ou seja, terá diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e contexto em que foram julgados. Rego (1996) complementa

[...] disciplinado é, portanto, aquele que obedece, que cede, sem questionar, às regras e preconceitos vigentes em determinada organização.” Enquanto que o aluno tido como indisciplinado seria aquele que “se rebela, que não acata e não se submete, nem tampouco se acomoda e, agindo assim, provoca rupturas e questionamentos (p.85).

O aluno indisciplinado não obedece às todas as regras impostas pela unidade escolar, tais como pontualidade, respeito, zelar pelo patrimônio da escola, demonstram rebeldia total ou parcial para com a escola e contribui ainda mais para o afastamento entre ele e os docentes. Além desse conceito, podemos ainda através dos estudos de Aquino (1996) entender que a indisciplina está relacionada “a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridades, etc (p.40).” O que significa que a indisciplina tem uma relação com a carência psíquica do aluno, a presença do professor perante tal aluno significa respeito. Na visão tradicional a indisciplina é concebida como mau comportamento do indivíduo, que segundo Danke (2007)

[...] há muito tempo, os professores vêm percebendo a indisciplina associada ao “mau comportamento” do aluno, e atribuem a ela uma “perda de tempo”, deixando de considerá-la como relevante ao processo de escolarização (p.109).

Ao considerar a indisciplina como uma questão de comportamento do aluno, muitos educadores dizem que é uma perda de tempo dar uma atenção maior a ela. Diante dessa postura nada é feito, apenas é dado uma advertência ao aluno para parar com o comportamento indisciplinado, ou seja, não atrapalhar aos colegas e ao professor de expor seu conteúdo.

Apesar de ser um dos temas mais frequentes nas escolas, os estudos científicos sobre a indisciplina ainda são poucos. É necessário estudar esse fenômeno numa visão mais social, pois ultrapassa o ambiente escolar. Knopp (2008, p.19) assegura que: “Na contemporaneidade, a indisciplina não é vista como um fato isolado na escola, mas como um fenômeno que reflete os problemas sociais que o aluno vive no seu cotidiano”. As manifestações da indisciplina devem ser vistas com outros olhares, pois atitudes indisciplinadas seja elas da dimensão que for são responsáveis pela não aprendizagem e pelos conflitos físicos e verbais na escola.

A má conduta na sala de aula deve-se algumas vezes a processos sociais fora do ambiente escolar, ficando evidente que afeta de forma considerável o relacionamento desse ser dentro de um ambiente fechado com outras pessoas, restando à materialização da indisciplina como desvalorização e empecilhos da assimilação do conhecimento. O problema está no que representa social e psicologicamente a figura do professor, pois as crianças e os jovens nem sempre gostam de regras, normas e leis, porém a figura do professor para eles é sinônima dessas. O mestre representa um ser que deve ser obedecido em tudo, na falta dos pais, o professor acaba ocupando essa função.

A falta de conhecimento teórico para com esse tema e por não saber lidar com as questões indisciplinadas, favorecem para que muitos profissionais da educação optem por medidas inadequadas. Sem dúvida, as questões indisciplinadas perpassam os ambientes da sala de aula, ao mesmo tempo em que nos convida a investigar como os incidentes se dão, em quais contextos se faz necessário um novo currículo e um novo olhar pedagógico para o tema.

O ENSINO GEOGRÁFICO

A ciência geográfica foi introduzida no Brasil no início do século passado, tendo como objetivo primeiro a valorização do nacionalismo patriótico. O Ensino de Geografia era extremamente voltado para a valorização das belezas e riquezas do nosso país, seguindo a corrente naturalista. Para Cavalcanti (1998, p.18) “Essa função ideológica reaparece, mais tarde, quando o objetivo da disciplina é caracterizado como transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo e dos países em particular”. A Geografia no início era descritiva, tinha como função mostrar as paisagens e localidades.

Após um longo processo histórico de mudanças, a Geografia toma novos rumos dando início à chamada “Geografia Crítica”, que se baseia no estudo da realidade social, com objetivo de compreender o todo. A geografia é definida como uma disciplina científica que trabalha com o espaço, quer em termos absolutos, quer em relativos ou relacionados, de um ponto de vista horizontal, ambiental e social. Entende-se que o ensino da Geografia deve ser planejado levando-se em consideração os interesses da sociedade.

Ao ensinarem Geografia os professores querem que seus alunos tenham um raciocínio lógico e crítico, pois “A finalidade de ensinar geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço (CAVALCANTI, 1998, p.24).” Espera-se que os alunos sejam capazes de falar sobre o seu próprio espaço, sobre sua realidade sociocultural. A Geografia que se quer ensinar no presente momento, parte da ideia de que devemos conhecer primeiramente o mundo para melhor ensiná-lo, devemos conhecer o espaço para depois sermos capazes de julgá-lo.

A geografia que queremos ensinar é aquela que nos permite melhor compreender o mundo, mas para isto precisamos conhecer esse mundo, ter acesso às informações e saber organizá-las num contexto maior. O curso superior de geografia será tão melhor, tão mais eficiente, quanto mais conseguirmos fazer do trabalho junto aos professores que atuam no ensino básico um verdadeiro laboratório de discussão, de construção de caminhos, e soubermos fazer esta experiência resultante de processos desencadeado pelas nossas próprias críticas e necessidades de avançar na realimentação do curso. Isto é o que entendemos por integração entre os diversos níveis de ensino. (CALLAI, 1999, p.193)

Essa nova visão da Geografia deve ser trabalhada dentro das salas de aula. O professor tem a missão de levar os conteúdos para os seus alunos de forma que os estimulem a pensar criticamente a respeito de sua realidade social, e para isso os educadores contam com muitas

fontes de informação e conhecimento, nos referimos aqui às novas tecnologias (como a internet).

O processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re) signifique tais instrumentos a partir da compreensão do pensamento, do poder ser diferente nas interpretações e mesmo assim fazer parte do contexto. O ensino da geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transpondo-as para as representações do espaço-temporal, assim como suas questões socioespaciais. O ensino da geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações (CASTROGIOVANNI, 1999, p.83).

A aprendizagem quando parte da vivência do aluno mostra-se significativa, e quando isso deixa de acontecer, as aulas tendem a não agradar os alunos. A falta de planejamento leva ao improvisado de aulas, o resultado são aulas consideradas pelos discentes como desinteressantes e desmotivadora. O que é lamentável, visto que o ensino de Geografia é indispensável para a formação dos cidadãos e pelo entendimento e interferência no espaço geográfico e nas relações sociais. As aulas de Geografia devem ser revistas, pois a indisciplina aparece como reflexo da confusa fase do desenvolvimento psicológico pelo qual passa os adolescentes.

É um tempo como esse que nós, educadores e educadoras (pós) críticos/as, nos vemos moralmente obrigados, mais do que nunca, a fazer perguntas cruciais, vitais, sobre nosso ofício e nosso papel, sobre nosso trabalho e nossa responsabilidade (SILVA, 2001, p.8).

O ensino de Geografia é responsável pela formação do cidadão, devendo ser bem aplicado na sala de aula e isso, só serão possíveis através de uma boa prática docente, os educadores devem sempre participar das formações continuadas. Para se ensinar Geografia, é preciso “desenvolver nos alunos a capacidade de aprender a aprender, de pesquisar, de observar, ler e refletir, de desconfiar de clichês ou estereótipos, de ter iniciativa e capacidade próprias” (VESENTINI, 1995, p. 239). Almeja-se que os alunos pensem por conta própria, que possam demonstrar mais interesse pelas atividades desenvolvidas nas aulas. Os professores têm que dar mais atenção à indisciplina, buscar novas leituras e reflexões acerca do assunto, procurando as causas e consequências do problema, que possam rever sua prática pedagógica e social podendo com isso enxergar um novo currículo para a realidade de nossos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das observações das aulas de Geografia em sala de aula foram levantadas três categorias descritivas: Os alunos conversam entre si; os alunos saem da sala e os alunos fazem *bullying* contra os colegas.

Sobre os alunos conversarem entre si enquanto o professor ministrava a aula, a atitude do professor foi pedir para os estudantes fazerem silêncio. Mas, os alunos mostram-se indiferentes à solicitação do professor. Em relação aos alunos saírem da sala de aula enquanto o professor fazia sua explanação, a atitude do professor foi de olhar para os demais alunos e continuar dando a aula. Os alunos faziam *bullying* entre si o tempo todo, como dar tapas nas costas do colega e na cabeça, colocar o dedo no rosto do colega, atitudes de violência física e psicológica.

As observações também nos dão as categorias interpretativas da indisciplina, aqui elas são congregadas na falta de limites e na falta de respeito. Sobre a falta de limites, ela ocorre da seguinte forma: Os alunos fazem bagunça e gritam na sala e o professor diz: “*Cadê a sua educação, você não tem limites, quer fazer as coisas apenas na hora que lhe dá vontade, mas não pode ser assim não!*”. Possivelmente esse comportamento do aluno reflete na forma em que o professor se relaciona com o aluno. O “limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social - a família, a escola, e a sociedade como um todo (LA TAILLE, 1994, p.9)”. As regras serve para criar valores e formas de conduta.

No plano educativo, um aluno é considerado indisciplinado quando não apresentar “limites”, pois não consegue compartilhar e dialogar com os demais colegas (REGO, 1996). A falta de participação e diálogo na sala de aula é sinônima de indisciplina. Outra questão a ser considerada, é que as regras são impostas pelos adultos, por isso nem sempre agrada aos jovens.

Por limites entendem-se as regras e procedimentos que os adultos necessitam para assegurar o ato educativo. Na relação professor-aluno, isto é, na relação pedagógica, um conjunto de regras precisa ser conhecido e respeitado, para que a ação educativa possa se realizar. Penso que o sujeito tem o desejo de conversar com o aluno que não tem limites na sala de aula, mas o próprio professor, muitas vezes, age de forma autoritária, distante, com uma boa dosagem de afeto desprazeroso (KNOPP, 2008, p.218).

Como afirma a autora, o conjunto de regras precisa ser respeitado. Knopp (2008) ainda sugere o diálogo para os sujeitos (professores-alunos). É a partir do diálogo que se acredita na amenização do problema. Rego (1996) traz a questão social, tem professores que afirmam que

a falta de limites começa desde cedo, vem de casa, as questões psicológicas ou sociais que a família enfrenta reflete no comportamento do aluno. A escola é responsável por educar, se a escola se omite, os alunos sentem-se no direito de fazer o que querem e na hora que querem.

Costuma-se compreender a indisciplina, manifesta por um indivíduo ou um grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na ‘falta de educação ou de respeito pelas autoridades’, na bagunça ou agitação motora (REGO, 1996, p.85).

A ausência de respeito por parte dos educandos é sinônimo de indisciplina. Na seguinte fala: “*Você não manda em mim, você não é meu pai!*”- Aluno A. O tom da voz do alunado é alto para expressar quem tem autoridade maior do que o professor. Entende-se que o argumento dado pelo aluno ao professor, expressa o não querer ser repreendido por ninguém, esse é apenas um dos vários atos dito como indisciplina.

A indisciplina, nesta ótica, passa a ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, de intransigência, do não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou de um grupo (REGO, 1996, p.86).

As ações de indisciplina são traduzidas pela falta de respeito dos alunos. Isso preocupa os educadores, levando muitos a terem receio em entrar na sala de aula, pois não sabem como vão ser tratados, se serão respeitados pelos alunos. Por exemplo, em uma de suas falas o aluno A, diz: “*Você não manda em mim, você não é minha mãe, faço o que quero e na hora que quero, não vou fazer essa porcaria de exercício*”. E o professor A, responde e questiona: “*O que quer aqui então?*”. Na fala do professor percebe-se o desânimo de não saber lidar com a situação.

A categoria descritiva da indisciplina da entrevista do professor são as conversas paralelas. Durante a entrevista o professor menciona que os alunos conversam entre si o tempo todo sem prestar atenção na aula. “*Sempre tem um grupo de alunos que sentam juntos e conversam o tempo todo, e o pior que os assuntos tratados por eles não condizem em nada com que estou ensinado!*”- Afirma professor B.

Em relação à categoria interpretativa da entrevista do professor, é apontada a dificuldade de relação entre professor e aluno. O professor A diz para o aluno A: “*Senta e presta mais atenção, você está atrapalhando a aula!*”. Enquanto é reclamado o aluno continua levantando da carteira e indo conversar com o colega, mas responde ao professor assim: “*Não fiz nada,*

estou aqui quieto, foi meu colega!”.O aluno A, inquieto delega ao colega o mau comportamento. Ambas as falas levam a uma contradição de quem está errado na sala de aula.

O aluno nunca se culpa, sempre delegará a responsabilidade a outro, enquanto o professor sempre está em busca de um responsável por atrapalhar a sua aula. Existe certa dificuldade dos professores se relacionarem com os alunos, ambos parece não se entenderem na sala de aula. Porém, isso não deve ser motivo de desânimo ou de repulsa por parte do professor, mas, ao contrário é motivo de refletir sobre sua prática, buscar uma forma de dialogar e escutar o aluno.

A relação entre professor e aluno no interior da sala de aula deve ser permeada pelo exercício democrático, onde se cultivam o diálogo e o afeto em que a relevância seja a observação e a escuta e a prática dos direitos humanos seja um princípio a ser seguido, tendo em vista suas condições concretas, suas individualidades e suas singularidades, possivelmente não oportuniza mal-estar por parte do aluno aos próprios esquemas da escola, minorando assim motivos para a indisciplina [...] Muitas vezes o aluno fala e o professor não ouve. Não escuta o aluno pode contribuir com o mal-estar vivido pelo professor na sala de aula (KNOPP,2008, p.20-22).

A falta de diálogo entre os sujeitos contribui para o mal-estar vivido pelos educadores muito ainda não sabem manter uma relação dialógica com seus alunos, as falas, os argumentos dados por eles não são levados em conta, ou nem são permitidos ou buscados. Segundo Rego (1996, p.98):

[...] uma relação entre professores e alunos baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na tolerância permissiva e espontaneísta, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos.

O controle excessivo e ameaças, visando uma punição, nem sempre é bem vista pelos alunos indisciplinados, o que favorece um maior distanciamento entre os sujeitos e não resulta em uma relação democrática dentro da sala de aula. Na relação professor-aluno, constatamos que a educação escolar contemporânea parece, na maioria das vezes, ser submetida a uma pronunciada demanda de normatização da conduta. Essa relação torna-se, assim, o núcleo concreto das práticas educativas e do contrato pedagógico, o que estrutura os sentidos cruciais da instituição escolar.

Só iremos mudar a realidade social, se conhecermos o nosso espaço, e o professor tem a missão e a tarefa de formar seus alunos para exercerem a cidadania e viver em sociedade.

Parece que a ausência de diálogo entre aluno e professor vem comprometendo o bom andamento do ensino geográfico.

Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, seus desafios, são saberes necessários à prática educativa em todas as disciplinas, porém no ensino de Geografia, ele é mais necessário e urgente do que nunca, pois se entende que o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como agitação e curiosidade, inconclusos em permanente oscilação na história. Essa análise é ratificada na fala de Freire (1995):

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes (p.45).

A indisciplina deve ser tratada nas aulas e o caminho para amenizar a indisciplina é o diálogo, é a partir do conhecimento socializado que se conseguirá alcançar um ensino democrático.

Foi possível analisar como os sujeitos passam a incorporar as atitudes violentas por questões de disputa de poder, ou, ainda, por um processo de segregação, também foi possível discutir a insegurança frequente com que os discentes convivem no cotidiano e, sobretudo, no espaço escola, a partir de práticas de *bullying*, assaltos, dentre outras a que os mesmos estão expostos cotidianamente. Entre outras palavras, foi possível integrar as discussões a partir de uma articulação entre espaço vivido e conteúdo curricular proposto (FREITAS; MELO; SARAIVA, 2017, p.119).

No estudo de Freitas, Melo e Saraiva (2017) são apontados que é possível discutir a indisciplina com os alunos, pois é um problema que diz respeito ao seu dia a dia. Os resultados discutidos foram sintetizados nessa figura:

Figura: Quadro das categorias da indisciplina

<p>Categorias descritiva da indisciplina das observações em sala de aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alunos conversam entre si; • Alunos saem da sala; • Brincadeiras de mal gosto. 	<p>Categorias interpretativas da indisciplina das observações em sala de aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de limites; • Falta de respeito.
<p>Categorias descritiva da indisciplina das entrevistas do professor</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversas paralelas. 	<p>Categorias interpretativas da indisciplina das entrevistas do professor</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de relação entre professor e aluno.
<p>Categorias descritiva da indisciplina das entrevistas do aluno</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse em aprender; • Falta de atenção; • Dificuldade de comunicação entre professor e aluno. 	<p>Categorias interpretativas da indisciplina das entrevistas do aluno</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pensamento crítico e autônomo do aluno; • Ausência do diálogo entre professor e aluno.

Fonte: Dados elaborados pelos autores, 2021.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como se pode perceber o currículo deve ser baseado na realidade do aluno. O estudo em questão revela que existem professores que acreditam que a indisciplina é ocasionada por problemas alheios à escola e se isentam das consequências que ela pode trazer. Percebe-se também que a maioria dos professores atribuem os problemas de comportamento dos alunos às dificuldades de relacionamento destes com eles ou com seus colegas de classe, já outros reconhecem suas próprias limitações e dificuldades em lidar com a indisciplina em sala de aula.

Observa-se que apesar de muitos professores referirem-se cotidianamente às situações de indisciplina em suas aulas, esta não é percebida. Os resultados da pesquisa revelaram ainda que a indisciplina na sala de aula é um empecilho ao ensino da Geografia. Nessa investigação, a indisciplina é expressa pela falta de limites e respeito, pela dificuldade de relação entre professor e aluno e pela ausência de diálogo entre professor e aluno. Diante o exposto, entende-se que o diálogo é o melhor caminho para amenizar a indisciplina na sala de aula. Os professores devem partir dessa premissa, promover o diálogo e discutir a indisciplina nas aulas.

Portanto, é através da conversa e de acordos estabelecidos entre os envolvidos (professor x aluno) que haverá uma mudança significativa no trato da indisciplina na sala de aula. O discurso dialógico é caminho para o conhecimento e paz nas escolas, novas reflexões no processo educativo são necessárias, é preciso fortalecer as relações interpessoais, e ter currículos mais flexíveis e humanos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda Guimarães. Formação de docentes e currículos para além da resistência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 22,n.71, 2017.

AQUINO, Julio Groppa R. (org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus,1996.

ARROYO, Miguel. **Sub-versões curriculares**: Para além do currículo. In: instragan@unebcampusvi, 11 de setembro de 2020.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria Alvarez, Sara dos Santos e Telmo Baptista. Portugal: Porto Editora,1994.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 2ª ed.Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS,1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção**. 10ª ed. Editora:Papirus,1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: Recortes espaciais para análise. In:Castrogiovanni, A. C. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula**: práticas de reflexões. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS/AGB-PA, 1999.

DANKE, Anderléia Sotoriva. **A percepção social da indisciplina escolar**. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade de Tuiuti do Paraná, 2007.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. Rio Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

FREITAS, Zenis Bezerra; MELO, Josandra Araújo Barreto de; SARAIVA, Luis Arthur Pereira. Currículo do Prescrito ao Real: A flexibilização curricular a partir do cotidiano dos estudantes. In: **Revista Geografia, Ensino & Pesquisa**, vol.21, n.1, 2017.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2 ed. Porto Alegre: Atemed, 2003.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentido de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa R. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus,1994.

REGO, Teresa Cristina. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotkiana. In: AQUINO, Júlio Groppa R. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

SILVA, Tomas Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VESENTINI, José Willian. (org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas. 4ª Ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

KNOPP, Maria Célia Malheiros. **Você me tira o juízo**: representações sociais do professor sobre indisciplina e hiperatividade na sala de aula. Dissertação de Mestrado - UNEB. PPGEduc. Salvador, 2008.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Érica Vieira Souza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) na UNEB/Campus VI. Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ensino de Geografia (GEPEGEO) na UNEB/VI. Bolsista da Fapesb. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1754299573623445>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6845-7272>. E-mail: erica_iga@yahoo.com.br.

Glauber Barros Alves Costa

Doutor em Educação (UFSCAR). Professor Assistente UNEB/ Campus-VI. Professor coordenador do Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS)-UNEB VI. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ensino de Geografia (GEPEGEO). E-mail: glauberbarros@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2964>.